



Eduardo Bettencourt Pinto

Vírus

“Estamos numa guerra mundial contra o invisível. Mas este «vírus» do pânico que se instalou um pouco por toda a parte evidencia não só um preocupante desequilíbrio patológico em algumas pessoas, como vem exacerbar ainda mais o estado das coisas. É uma afronta à lógica e ao senso-comum.”

Faltam-me algumas provisões em casa. Saio. Rua acima, a temperatura é fresca (10 graus). Passo sob um corredor de cerejeiras japonesas - *Prunus serrulata* - que iluminam o passeio. O sol cintila numa miríade de cristais por entre os ramos. Despontam, tímidos embora, os primeiros botões das flores. Aproxima-se a Primavera.

Quase ao chegar ao semáforo, um sujeito de meia-idade salta de um facho de luz. Vem todo de preto, trajado como se fosse a um funeral. Até mesmo o chapéu de abas à Leonard Cohen. Traz o cachecol, cinzento, muito enrolado ao pescoço.

- Que lindo dia! - exclama, sorridente, quando passa por mim.

Sim, de facto. Já tardava o bom tempo. Só em Janeiro a precipitação durou 28 fastidiosos e longuíssimos dias. Torrencialmente em certas alturas. Um fastio opressivo.

Estou ansioso por chegar ao supermercado. As histórias avolumam-se sobre as repercussões nefastas que o pânico generalizado criou com o Covid-19. Conto um pequeno episódio que se passou comigo numa recente ida a uma loja latina.

Todos os sábados, pelas 14:00 horas, a dona, cujos produtos alimentares são quase exclusivamente da América latina, coloca *tamales** ao dispor do público. Lá fui como de costume.

A senhora abriu os braços num gesto de consternação.

- Peço desculpa, mas um senhor comprou os *tamales* todos. Agora só para a semana...

O «cavalheiro» levou consigo 60 *tamales*. Uma alarvice egoísta.

Entro no supermercado na expectativa de encontrar aquilo de que preciso. Aliviado, verifico a abundância do costume na secção de frutas e legumes. Na da carne, porém, uma devastação. Ainda encontro peixe congelado. Meto-me pelos corredores animado pela curiosidade.

Como previa, não há papel higiénico, guardanapos de papel nem produtos de limpeza. Uma razia completa nos enlatados. Só me lembro de situação paralela em 1975, quando explodiram os conflitos armados em Luanda.

Esta pandemia, de extrema gravidade, espalha-se a uma velocidade vertiginosa pelo mundo fora. Estamos numa guerra mundial contra o invisível. Mas este «vírus» do pânico que se instalou um pouco por toda a parte evidencia não só um preocupante desequilíbrio patológico em algumas pessoas, como vem exacerbar ainda mais o estado das coisas. É uma afronta à lógica e ao senso-comum. Revela também uma grave e desconcertante falta de civismo e consideração

pelo outro.

Açambarcando produtos de primeira necessidade em quantidades inverosímeis, bem como alimentos, não demonstram apenas actos de mero desequilíbrio psíquico. São roubos éticos e morais. Gente desvairada (como se vê na Internet) a correr em supermercados com os carrinhos das compras na caça ao papel higiénico, em atropelos de calcanhares e de olhos esbugalhados, é dos espectáculos mais desconcertantes, caricatos e indignos que se pode observar. As aberrações, infelizmente, não ficam por aí.

Recentemente, uma família local pôs-se a vender máscaras de protecção num parque de estacionamento a preços inflacionados. Alertadas as autoridades, foram multados em 500 dólares. Apesar disso, voltaram ao mesmo local no dia seguinte.

Enfim, a lista de aberrações é grande. Não se consegue mudar o mundo mesmo que se bata com insistência numa pedra. Quero dizer, na opacidade da natureza humana.

**Tamales* são tortas de carne feitas com massa de farinha de milho, carne de porco ou galinha, batata, arroz, ervilhas, cebolas e ovos, enroladas em folhas de bananeira ou milho e cozinhadas sob vapor.



Tomás Quental Mota Vieira

Conto com Tiago Lopes no presente e para o futuro dos Açores

Encontrando-me a residir no Continente português, tenho acompanhado, com justificado interesse, através das redes sociais, as conferências de imprensa do director regional da Saúde dos Açores, enfermeiro Tiago Lopes, sobre a situação do coronavírus no arquipélago.

Sinceramente, não sei o que mais elogiar neste director regional: a competência, o rigor, a serenidade, a capacidade de comunicação, o uso das palavras certas, o olhar expressivo de uma humanidade intrínseca e a forma cuidada e discreta como se apresenta à comunicação social, com destaque para as televisões. Vejo esse homem falar e fico impressionado: é genuíno, convincente e eloquente.

Ele está a prestar um inestimável serviço aos açorianos, informando-os com verdade e com clareza, esclarecendo dúvidas e passando uma mensagem de

confiança no Serviço Regional de Saúde, sem esconder as dificuldades existentes. Dá um notável exemplo do que deve ser um verdadeiro servidor público.

O enfermeiro Tiago Lopes, que não conheço pessoalmente, não vai desaparecer da cena pública quando a pandemia terminar. Não, não vai! E será bom mesmo para todos nós que não se remeta depois ao silêncio do seu gabinete oficial ou a um qualquer hospital. De modo algum! A Região Autónoma dos Açores precisa de pessoas como ele para a condução dos destinos colectivos.

Não há qualquer dúvida que estamos perante uma revelação, alguém que alia qualidades extraordinárias, que se apresenta com competência e com humildade, sem preocupações políticas de qualquer espécie, apenas com a vontade e com a obrigação de informar e esclarecer os açorianos sobre a presente

grave crise de saúde pública.

Não sei se este meu testemunho chegará ao conhecimento pessoal do enfermeiro Tiago Lopes, mas eu não poderia, em boa consciência, deixar de lhe prestar esta modesta mas sincera homenagem pública, pelo excelente serviço que está a prestar à Região Autónoma dos Açores e aos açorianos. Temos todos que lhe estar muito gratos!

Pela minha parte, eu conto com Tiago Lopes no presente e também para o futuro dos Açores, porque penso que com as grandes qualidades que revela poderá ocupar outras e mais altas funções no regime autónomo açoriano. Muito obrigado, enfermeiro e director regional Tiago Lopes! Pouco governantes açorianos serviram tão bem a nossa terra e a causa pública, com tanto empenho, tanta competência, tanta honestidade e tanta generosidade.